

# Pulsões, vocês têm uma vida?\*

*Bernard Chervet\*\**, Lyon/Paris

*Cada avanço de Freud em sua teoria das pulsões resultou em resistências, às vezes em polêmicas e, no melhor dos casos, em debates e controvérsias. As grandes controvérsias que atravessaram a história do pensamento humano não estariam ligadas às mesmas características que definem as pulsões, a satisfação alucinatória da sexualidade infantil transgressiva, a origem sexual do narcisismo com suas vexações resultantes, a qualidade regressiva até alcançar o inorgânico que exige um trabalho psíquico das vivências de perda? Essa regressividade extintiva coloca o traumático no âmago de toda pulsão e nos obriga a conceber um ato fundador, posto sob a égide de um imperativo de inscrição, apto a dar vida às pulsões, a lhes dar corpo, matéria e palavra.*

*Palavras-chave: controvérsia, dualidade pulsional, regressividade extintiva, imperativo de inscrição, percepção sem traço.*

---

\* Trabalho originalmente publicado na França: Chervet, B. (2014). Pulsions, avez-vous une vie? *Revue Française de Psychosomatique*, 45 (1): 103-128.

\*\* Analista didata e presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Desde que foi introduzida por Freud, em 1905, no corpus da metapsicologia, a noção de pulsão (*Trieb*) gerou e continua gerando constantemente discussões, disputas, contestações e questionamentos dignos das mais célebres controvérsias que mobilizaram o pensamento ocidental, e isso ocorreu em cada uma das três etapas da teorização de Freud, as quais ele chamou de seus três “passos” na teoria das pulsões (1920, p. 324-326 e 333). Tais conflitos também se estenderam à tradução francesa: *pulsion* ou *instinct*.

Freud seguiu, de fato, um caminho em três tempos, cada um deles definindo uma das qualidades próprias de todas as pulsões. São elas, sucessivamente, a *ampliação do conceito de sexualidade*, com o reconhecimento de uma sexualidade infantil que se implica nos sintomas e nos sonhos conforme uma realização alucinatória de desejo; a *introdução da tese do narcisismo*, conferindo uma qualidade psíquica de autoconservação às pulsões e às pulsões do eu; e, por fim, a *afirmação do caráter regressivo de todas as pulsões*, da tendência delas ao retorno a um estado anterior até alcançar o inorgânico, responsável pelo caráter demoníaco das compulsões à repetição e, sobretudo, à redução.

A complexidade desse conjunto e a natureza inapreensível, ou mesmo incognoscível, do substrato das pulsões não lhe escapam. A realidade das pulsões compartilha com todas as outras realidades materiais esse mesmo caráter de só poderem ser deduzidas da fenomenologia de seus efeitos, o que exige um corpus teórico conceitual que as represente e seja capaz de evoluir. Freud deseja, assim, manter o psiquismo, do qual faz parte a pulsionalidade, dentro das ciências da natureza. Ele confere ao substrato pulsional uma energia e uma química que ainda estariam por ser descobertas no futuro. Essa profissão de fé materialista é, para ele, uma garantia necessária contra o risco de cair num misticismo e um apelo às misteriosas forças da alma; ele se recusa a conferir ao inconsciente da psicanálise qualquer qualidade misteriosa:

As fontes mais abundantes de tal excitação interna são as ditas pulsões do organismo, os representantes de todas as forças atuantes provenientes do interior do corpo e transferidas ao aparelho psíquico; elas são, inclusive, o elemento mais importante e também mais obscuro da pesquisa psicológica.”  
(Freud, 1920, p. 305).

Do mesmo modo, Freud introduz muito cedo (1894) o termo *libido*, suposto representar uma energia específica, própria da sexualidade e das moções pulsionais, agindo no vivente, encontrando-se nos fundamentos da vida, sentida como tensão

de desejo. Ele nunca interroga a natureza acerca disso. Autores como Reich foram em busca dessa energia sexual vital, deram-lhe uma definição e uma unidade de medida, o orgônio (ou orgona), esperaram poder se apropriar dela e a transformaram até mesmo em comércio, o qual foi denunciado como fraudulento (as caixas orgônicas).

Convém, portanto, aceitar que as referidas pulsões e sua essência vital, a dita libido, são noções e conceitos a serem deduzidos, inferidos de seus múltiplos efeitos, tangíveis, incontestáveis ou mesmo inegáveis; devemos renunciar a qualquer positivismo em relação a elas e não podemos esperar apreendê-las de outro modo que não seja pela conceituação.

Será que esse aspecto de incognoscibilidade é suficiente para explicar as repetitivas disputas e controvérsias em torno da noção de pulsão? Certamente não, uma vez que esta compartilha com os outros fenômenos da natureza a lógica da inferência, que permite deduzir as operações e os processos subjacentes diretamente inacessíveis, somente acessíveis por seus efeitos. Surge uma questão: essa paixão agida em debates não se deveria às próprias propriedades das pulsões? As controvérsias que pontuam a história do pensamento não diriam respeito, acima de tudo, à vida pulsional?

A cada uma das três etapas da assimilação da vida pulsional, do modo como foram sucessivamente elaboradas por Freud, que partiu do mais acessível para chegar ao mais obscuro, mas também do mais prazeroso para alcançar o mais desagradável de reconhecer, correspondem uma teoria das pulsões e uma concepção metapsicológica do aparelho psíquico e de seu funcionamento, as quais se revelam, cada uma, *a posteriori*, um momento da elaboração do mais completo conjunto teórico que Freud esboçou, mas sem deixar aos seus sucessores uma verdadeira síntese das aquisições das três etapas anteriores.

Freud deu claramente maior ênfase à elaboração de sua primeira e de sua última tópica do que à etapa intermediária do narcisismo. Ele propôs, sucessivamente, a primeira tópica ternária de 1900, inconsciente – pré-consciente – consciente, com a dualidade conflitual desejo-defesa, sexualidade – instinto de autoconservação; depois, em 1914-1915, uma tópica não claramente explicitada, reduzida ao par pulsão-narcisismo, ou pulsão-*si mesmo*<sup>1</sup>, o conflito tornando-se não só duplo, entre pulsão e narcisismo, mas também intranarcísico; e, por fim, em 1923, uma segunda tópica ternária, eu-id-supereu, com uma nova dualidade conflitual, fundamental e interpulsional, entre pulsão de vida e pulsão de morte.

---

<sup>1</sup> N.T.: tradução da palavra *soi*.

Observemos que a primeira e a última tópica apresentam claramente concepções dualistas, enquanto aquela implícita de 1915b aproxima-se mais de um monismo pulsional, em consonância com as aspirações do próprio narcisismo de criar uma totalidade. O fato de ter de reconhecer as origens libidinais do narcisismo pôs em xeque a dualidade do primeiro par conflitual, pulsão sexual – pulsão de autoconservação.

O debate com Jung pode parecer ter favorecido o monismo deste, que defendia uma energia psíquica unificada numa energia vital única. Isso não levava em conta a questão da dessexualização, essa operação de mutação de uma parte dos investimentos sexuais em investimentos narcísicos. Tal transformação exige a intervenção de um polo de outra natureza. Se este período foi mais *narcísico* que os dois outros, sua vantagem, por outro lado, foi a retomada da reflexão de Freud sobre novas questões, principalmente aquela das operações processuais intrapsíquicas. É lógico, portanto, que Freud se interesse por quadros clínicos nos quais essas operações parecem lesar o paciente, como na melancolia, ou então faltar, como na neurose traumática e nas neuroses atuais. Daí resultarão a dualidade pulsional e, depois, a terceiridade do supereu.

Quando Freud retoma a última tópica, em 1932-1933 e novamente no *Esboço* (1940a [1938]), ele procura, então, dar à sua última instância, o supereu, o lugar mais eficiente que lhe cabe dentro do funcionamento mental, e isso, desde o início da vida. Ele não conseguiu desenvolver esses aspectos em 1923, no momento em que concebeu essa instância como resposta à sua dualidade pulsional e, sobretudo, à qualidade principal desta, a tendência regressiva. Mas Freud é ainda mais específico. Fala de uma tendência ao retorno a um estado anterior até alcançar o inorgânico, qualidade esta que ele atribui tanto à pulsão de vida quanto à pulsão de morte.

Se seguirmos esses postulados que se enraízam na reação terapêutica negativa e na compulsão à repetição e as tornam inteligíveis, completando-os com a clínica da compulsão à redução, percebe-se que a qualidade mais elementar da pulsão é sua regressividade extintiva, à qual deve responder um imperativo de inscrição para que ela ganhe vida. Considerar essa regressividade permite entender a complexidade dos dois tempos do processo de *après-coup*. O imperativo que garante sua realização inscreve as pulsões no próprio fundamento da vida psíquica.

Freud percebe, portanto, que sua teoria das pulsões deve ser repensada integrando mais claramente as funções do supereu. Uma concepção global das pulsões deveria, então, reunir as qualidades próprias das três etapas, a satisfação alucinatória, as propriedades constitutivas (fonte, pressão, meta, objeto), a tendência regressiva extintiva, e articular esses três momentos de uma forma que

correspondesse à *decomposição da personalidade psíquica* (1933) segundo a última tópica.

Freud não buscou explicitamente nem a síntese, nem a coerência. Por quê? Poderíamos pensar em um descuido de sua parte, ou então que estava muito ocupado em descobrir, em seguir a exigência de seu processo criador. Pode-se também pensar que ele tenha percebido a incompatibilidade radical existente entre as qualidades pulsionais que descobriu, impossibilitando toda e qualquer síntese. A busca desta teria, então, o mesmo valor do trabalho final do sonho, o da elaboração secundária, ou seja, dissimular a fragmentação e as aspirações negativas próprias do inconsciente e da pulsionalidade regressiva. Para embasar essa tese vem seu interesse pelo eu inconsciente, pelas fendas do eu (1923) e pelas clivagens do eu (1940b [1938]), pelo fato de que o mais regressivo pode a qualquer momento atrair para si o mais elaborado, reduzindo e amputando assim o devir de qualquer realização potencial.

De fato, Freud atribuiu desde muito cedo as noções de síntese e de coerência à elaboração secundária do sonho, portanto, à finalidade deste, que são a realização alucinatória de um desejo inconsciente e a apresentação dessa formação psíquica na face endopsíquica da consciência. Mais tarde, quando percebe que o eu é também em grande parte inconsciente e composto por partes heterogêneas, das quais algumas são portadoras de uma potência negativante, quando presta atenção nos funcionamentos conflituais e antinômicos uns com os outros, Freud faz da síntese, paradoxalmente, uma finalidade do eu. A síntese do eu consiste, então, em amalgamar os inconciliáveis, em reuni-los em quadros aparentemente coerentes que, concretamente, resultam em mesclas e distorções mais ou menos estranhas cuja função é fazer esquecer um despedaçamento subjacente, portanto, proceder a uma recusa, aquela das eclosões, e a um desejo, o de ser um todo, senão tudo.

Parece, portanto, que o recurso à síntese deve ser correlacionado à importância que essa questão da recusa adquire progressivamente na obra de Freud, especialmente quando ela se coloca a serviço de um modo de funcionamento mental regressivo contra outro mais elaborado. A recusa, então, não participa mais das oscilações habituais do funcionamento psíquico, tais como a noite e o dia, com a espera posta em latência, e o jogo das vias regrediente e progrediente. Apoiando-se num elemento de realidade perceptível sensorial, ela tenta ignorar, imobilizar, erradicar uma parte da realidade psíquica, logo, os investimentos libidinais que lhe correspondem, assim como o imperativo de inscrever, de fazer existir essa parte do psiquismo.

Freud considera também a coerência como uma realidade estritamente teórica, a da metapsicologia, que nos fornece a representação de um funcionamento

psíquico ideal, constituído por uma articulação conflitual de instâncias heterogêneas, mas marchando a furta-passo para alcançar sua finalidade, ou seja, a mentalização, a orientação dos investimentos pulsionais regressivos para a via progrediente, graças a um funcionamento psíquico que inclui um tempo de percurso regressivo e é organizado conforme o processo de *après-coup*.

Porém a clínica é bem diferente. Cada instância é ela mesma um lugar de heterogeneidade, um mosaico de arquipélagos que se apresentam concretamente em *tópicas psíquicas dispersas*, em combinações de *tipos libidinais* (1931) plurais e fragmentados, em mesclas que integram dentro delas funcionamentos diversos, contraditórios e, sobretudo, incompatíveis, e buscam eliminar umas as outras.

A coerência, portanto, pertence ao registro da realização de desejo e a uma *visão* teórica, enquanto cabe mais ao pensamento clínico suportar e pensar o *entendido* daquilo que constitui a incoerência, a existência de funcionamentos concomitantes com finalidades totalmente opostas, realizando-se muitas vezes concretamente em sínteses e amálgamas absurdos, ou mesmo em distorções estranhas, em bizarrices mais ou menos felizes, que podem certamente coexistir ignorando umas às outras, mas também podem se desagregar a qualquer momento, como o cristal quando cai no chão e mostra suas linhas de fenda e rupturas até então invisíveis. A realidade é sempre mais *rica* que a teoria, a qual pode ser vista, conforme o ponto de vista considerado, como mais ou menos *cinzenta* ou *verde*, mas, na verdade, sempre mais luminosa devido à qualidade heurística que acompanha seu esquematismo. Nós precisamos de luz!

Cada etapa da teoria das pulsões foi tema de oposições ferozes, a primeira, em nome dos valores morais e estéticos; a segunda, em nome do risco de pansexualismo estendido à totalidade do corpo – o sexual de órgão – e do mundo – o animismo; a terceira, em nome de uma pretensa especulação filosófica, como é muitas vezes taxada, mas, na verdade, em nome da confusão que produz em nossa psique. Atualmente é a terceira etapa que continua a suscitar as oposições mais intensas e as rejeições mais radicais, ao ponto de gerar questionamentos muito determinados, acompanhados por diversas tentativas de pensar a vida psíquica sem o conceito de pulsão, ou mais moderados, sem o conceito de pulsão de morte; substituindo-os, por exemplo, pela introdução da noção de violência fundamental (Jean Bergeret), por uma concepção da pulsão sexual orientada tanto para a vida quanto para a morte (Jean Laplanche), por uma concepção não corporal da fonte pulsional, mas ligada ao psiquismo inconsciente da mãe, às mensagens enigmáticas desta (Jean Laplanche), pelo privilégio atribuído a uma pulsão de dominação (Paul Denis), pelo reforço das capacidades interpretantes da primeira tópica (Michel De M'Uzan) etc.

Bem antes das controvérsias que marcaram a história da psicanálise com debates frutuosos, polêmicas argumentadas com maior ou menor pertinência, ou, às vezes, dissidências pouco fecundas, ou até mesmo cisões violentas, foram muitas aquelas que pontuaram a história do pensamento humano tratando de conteúdos das ciências ou da teologia e da filosofia, geralmente sobre o sentido e a origem do mundo, a alma e o corpo, o terrestre e o celeste, o como e o porquê, o que funda a vida, sobre a cena primitiva, portanto, a natureza do psiquismo e as aspirações e ideais; em outras palavras, sobre o desejo, suas fontes, sua constituição e seus destinos. Por isso, quaisquer que sejam as controvérsias, todas elas nos questionam sobre suas razões de ser. Quais são, então, os elementos que as motivam e que elas dissimulam no mesmo movimento?

A noção de pulsão encontra-se justamente neste cruzamento, conceito-limite para uma entidade mítica, colocada entre corpo e alma, entre terra e céu, e cuja condição psíquica faz dela um elemento virtual com consequências concretas mesmo assim, devido às suas múltiplas transposições para corpo, no qual se encarna, para os conteúdos psíquicos que ela traz à consciência, para a linguagem que ela converte em palavra, para as percepções que ela ativa ao ponto de parecer poder criá-las. Logo, é em virtude de seus múltiplos efeitos muito tangíveis e pelos quais se apresenta ao manifesto da consciência de si mesmo e do outro que ela é reconhecida como realidade, certamente deduzida, mas a que ponto eficiente.

Quem poderia sensatamente sustentar que o desejo não tem existência perceptível, que a consciência é desprovida de fundamento, mesmo quando revestida por uma ilusão, que a vida não é uma qualidade pertencente às ciências da natureza? Tal reducionismo, se existisse, deveria interrogar-se sobre a natureza da operação de juízo que o embasa e que ele desenvolve e sobre a finalidade para a qual contribui, uma vez que tal percurso parece poder levar, de maneira muito lógica, ao niilismo dele mesmo.

As mais conhecidas controvérsias em psicanálise são aquelas que aconteceram em Londres, de 1941 a 1945, entre kleinianos e seguidores de Anna Freud, e que levaram não à cisão da sociedade britânica, mas à criação, dentro dela, de um *Middle group*, que não é somente um acordo, um meio termo, e sim a criação de outra forma de pensar a vida psíquica e sua gênese. Se esse destino desperta admiração, considerando-se o rompimento evitado, ele também lembra outro ponto: o fato de que um conflito provém de um elemento não considerado que o próprio conflito mantém excluído. Esse elemento terceiro é figurado, assim, pela emergência de uma terceira entidade que, infelizmente, nem sempre é o que falta às duas outras, embora tente manter esse lugar, mas ele também pode opor-se à elaboração mais específica desse terceiro elemento faltante, a criação do

novo como escapatória. O que chama a atenção é o fato de que o terceiro grupo assim criado deu muito pouco espaço à pulsão, em proveito das transformações e da geratividade transformacional do aparelho psíquico e do papel da mãe no êxito e nos obstáculos dessa finalidade.

Essas controvérsias surgem logo após a morte de Freud e num momento muito peculiar da história ocidental, no meio de uma guerra mundial que devastava toda a Europa e que recorria a soluções de desmentalização jamais iguais. O contexto em que se inserem mescla, assim, uma extinção e uma ameaça intensa, centrada nos afetos de desatino e solidão, num contexto de pavor e horror. O suicídio é próximo da solução “atual”, que consiste em apegar-se apenas ao presente do imediato, à presença do detalhe e em reduzir todas as diferenças e a própria vida psíquica. É justamente o destino mais precioso da pulsão que é visado, a vida psíquica, o pensamento, no sentido psicanalítico, ou seja, aquele que inclui os afetos, os sentimentos e as vivências. Para alcançar esse objetivo, convém visar sua fonte: a própria pulsão e os processos de pensamento. Esse alvo, a vida mental de certos seres, já havia gerado grandes polêmicas. No século XVI, uma das mais conhecidas controvérsias, a de Valladolid, teve como tema uma questão aparentemente teológica, mas, na verdade, anímica: *Os índios têm alma?* Conjugavam-se aí a culpa ligada ao modo de administrar as diferenças pelo ódio e pelos massacres e a dominação narcísica através das conquistas e da escravidão.

As controvérsias de Londres, ao contrário, tinham como tema oficial a constituição da vida psíquica e opunham os defensores de um intrapsíquico precoce que se transpunha imediatamente para as percepções sensoriais, num animismo primitivo sem limites (Melanie Klein), e os adeptos de um ponto de vista genético realizado pelo desenvolvimento do psiquismo e a aquisição das capacidades instrumentais e adaptativas (Anna Freud). Portanto, de um lado, partidários da interpretação de um material psíquico muito precoce que se opõe às angústias primitivas e, do outro lado, defensores de uma interpretação que compartilha da preocupação educativa do desenvolvimento do psiquismo. Do ponto de vista teórico, o debate se dá entre os polos de uma pulsionalidade a simbolizar infinitamente e de um desenvolvimento do eu em estágios e etapas a percorrer.

Mais perto de nós, prolongando as não menos conhecidas controvérsias antigas relatadas por Sêneca, encontramos uma polêmica que atravessou a Idade Média e o Renascimento e que se mantém, ainda em nossa época, de maneira despropositada, por intermédio de alguns recalitrantes que cultuam a singularidade nostálgica, a controvérsia em torno das concepções sobre a Terra redonda e a Terra plana. Os defensores da teoria de uma Terra plana consideram que a teoria que defende a forma esférica não passa de uma opinião sem



fundamento, à qual se deve opor a concepção objetiva da Terra plana. Assim, realizam cálculos engenhosos para obter provas e outro modo de explicar os fatos que poderiam corroborar o formato redondo da Terra. O risco de perder uma delimitação precisa entre um em cima e um embaixo, um mundo da luz e outro das trevas, mas, sobretudo, um mundo acessível e outro inacessível, o dos vivos e o dos mortos, traduz-se nessa fixação que resiste a qualquer prova. Esse maniqueísmo pensado em termos de alto e baixo vem acompanhado por uma intensa necessidade de convicção que desperta nosso espanto e tem suas raízes e sua parte de verdade em reminiscências infantis, em particular na necessidade de apoiar o recalque no corpo de outro, na geografia e nas zonas erógenas deste.

Aceitar que a Terra é redonda não remete nitidamente a uma das três grandes humilhações fundamentais do descentramento que são os reconhecimentos sucessivos da inserção da Terra num sistema solar (Copérnico e Galileu), do homem no reino animal (Darwin) e da existência de um mundo psíquico inconsciente que escapa ao eu do sujeito (Freud). Resulta muito mais de um animismo das vivências de queda e sustentação, animismo este que se tornou indispensável ao funcionamento psíquico, a ponto de impedir qualquer diferenciação entre essas vivências catastróficas de colapso e as leis da gravitação. Não é mais a queda da maçã sobre o sonhador adormecido, mas a queda do corpo do próprio sonhador. A *vacância da alma* favorável à nidação de um sonho regride à vacância de um corpo que desaparece na pulsão de um outro.

As pulsões estão certamente representadas em tal animismo através das forças e dos movimentos, das tensões, pressões, empuxos, despressurização e depressão, por todas as teorias do mundo que são, ao mesmo tempo, de maneira disfarçada, teorias das pulsões. Encontramos aí os temas das levitações, elevações e arrebatamentos, o das penetrações e aspirações, dos turbilhões e redemoinhos, dos desaparecimentos e das ressurgências. Esse animismo é ele próprio replicado quando deve explicar e representar os efeitos das pulsões de um outro por todos estes outros que são os fantasmas, as almas penadas, os visitantes, os *Horlas*<sup>2</sup>, os alienígenas, os corpos astrais etc., que possuem e despossuem o sujeito com inquietante estranheza.

Embora fazendo parte dos conceitos fundamentais da metapsicologia, as pulsões não constituem o centro desta e podem modificar a teorização de tais animismos reduplicados. Aparecem em diversas metáforas de Freud a respeito do

---

<sup>2</sup> N.T.: Horla (em francês *Le Horla*) é um pequeno conto de terror de 1887 escrito em forma de diário pelo escritor francês Guy de Maupassant. O conto relata a história de um personagem com angústias e desordens mentais. À sua volta ele sente a presença de um ser estranho que decide chamar de *Horla*.

cavaleiro e do cavalo, da dimensão demoníaca que se impõe por alguma compulsão à repetição, pelas potências do destino que coagem a realização do temido e modificam o curso da repetição numa infernal redução espoliadora que alcança os níveis mais desesperadores de degradação. Mais perto de nós, encontramos as controvérsias entre os evolucionistas e os criacionistas, entre os defensores da geração espontânea e aqueles da biogênese (Pasteur), para quem *a vida só provém da vida*, polêmicas estas que certamente mantiveram e ainda mantêm intactas as questões da origem da vida e do ato fundador.

Outras controvérsias científicas não menos célebres, impregnadas por visões de mundo e animismo, giraram especialmente em torno da noção de *vazio*. Desde o início do cristianismo, a invenção do *zero* em aritmética provocou paixões guerreiras sangrentas entre diversas facções. Mais tarde, a partir do século XVII, opuseram-se em torno da realidade do *vazio* primeiramente Hobbes e Boyle, depois Pascal e o padre Etienne Noël e, por fim, Newton se empenhou em demonstrar a vacuidade do atomismo e do mecanicismo de Descartes.

Outras controvérsias ainda permaneceram gravadas na história do pensamento e das ciências, especialmente entre Newton e Leibniz, em torno da paternidade do cálculo infinitesimal, na verdade, implicitamente, em torno da noção de *infinito*, a paternidade do cálculo infinitesimal revelando-se plural e cabendo mais a Cavalieri e a Fermat. Depois, entre os newtonianos e os cartesianos, uma controvérsia prolongou essa em torno ao vácuo, igualmente subjacente àquela sobre o infinito.

A aceitação por Newton da realidade do vácuo, portanto, sua refutação do mecanicismo cartesiano e da noção de fluído sutil, o éter, que Descartes introduzira à força, para explicar a mobilidade e o movimento, mantendo ao mesmo tempo sua concepção de um espaço pleno, foi acompanhada pela adoção da noção de espaço onde os corpos se deslocam e pela recusa de considerar que o espaço devia ser também um corpo. A nova concepção de Newton reintegrava no campo científico noções banidas até então por serem consideradas ocultas e pertencentes à alquimia, como as noções de *gravitação* e de *forças* entre os corpúsculos, de *imã*, de *atração* e *repulsão*, mas também de *afinidade* e *eletividade* entre as substâncias químicas. Newton apaixonou-se muito cedo pelos fenômenos de interferência, pela luz e pela gravitação. Mais tardiamente, ele introduziu a ideia de princípios ativos próprios de cada corpo, diferentes da gravitação, que se aplica a todos os corpos de maneira universal, daí seu nome. Dentre todas essas proposições, a noção de *atração* é a que suscitou maior resistência e mais reações violentas.

Apoiando-se nessas bases científicas, o magnetismo animal também

ofereceu notáveis figurações do desejo humano. A hipnose soube extrair da tina de Messmer o fenômeno da influência para fins terapêuticos, enquanto os magnetizadores demonstravam suas capacidades de convocar as forças ocultas que toda matéria contém. Mais recentemente, o animismo se voltou para a água, fluido ao qual foi atribuída uma memória eterna digna da atemporalidade do inconsciente, memória sem conteúdo, ou mesmo amnésica; uma nova história de água, dotada de uma memória indefectível que não esquece!

Paralelamente, o animismo continuou encontrando seus verdadeiros e ilimitados títulos de nobreza, nas palavras do poeta, como o célebre verso de Lamartine: “Objetos inanimados, vós tendes uma alma”. A continuação expressa um sentimento de ternura infinita pelas coisas do mundo: “Quem se agarra a nossa alma e à força de amar?” (Lamartine, 1830).

Foi preciso conceituar a *transferência* para dar uma nova inteligibilidade ao animismo, tendo como processo de base aquele mecanismo tão precioso, universal, que é a *transposição*, base de toda teoria psicanalítica do conhecimento em dois tempos, que inclui justamente um primeiro tempo de desconhecimento, de animismo, que mescla o irracional e o infantil. Esse mecanismo é o problema central das repetições compulsivas, desesperadamente estéreis, como se pode observar no autismo, mas está também envolvido, inversamente, na fecundidade da fabricação dos processos psíquicos, tal como nos mostram as crianças em seu brincar. Essa transposição tão enigmática (*Umsetzung*), silenciosamente eficiente em geral, é uma etapa fundadora e incontornável que entra na teoria do conhecimento (o tempo de ilusão necessário) e, de maneira mais essencial ainda, na teoria da constituição dos processos psíquicos (o brincar das crianças de acordo com o modelo do *for-da*).

A transposição é a primeira operação que demonstra um trabalho psíquico desde o início da vida. Ela se realiza imediatamente no corpo, na verdade, em todas as percepções, proprioceptivas e sensoriais, e, portanto, na linguagem através dos sons. A complexificação da transferência desde sua primeira apercepção como deslocamento de quantidades de energia (1950 [1895]) até a apercepção de transposição inconsciente de moções pulsionais para realidades perceptíveis (1923), que servem ora de suporte material de representação, ora de estímulo a produzir um ato mental, permitirá a investigação das diversas modalidades de ligações e investimentos que circulam entre os seres. Disto resultará uma nova reflexão sobre o aspecto enigmático do que é nomeado desejo, assim como uma semiologia discriminatória da noção de *relação* e de *relação de objeto*. No entanto, a natureza do desejo e do que é um investimento libidinal certamente não está determinada e muito menos a realidade que se dissimula sob o termo libido.

A expressão relação objetal ou objetividade designa a perspectiva assintótica de um acabamento muito teórico, de uma maturação que seguiu um caminho em vários tempos. Ela subentende a ideia de uma realização particular, que inclui a potencialidade de relações regressivas diversas e múltiplas, temporárias e reversíveis, ou, ao contrário, distorcidas e estáveis; daí as relações de objeto narcísicas, antitraumáticas, melancólicas, fetílicas etc., qualificativos estes que possuem todos eles uma dupla face, uma vez que designam tanto um sistema de defesa quanto um modo específico de trabalho psíquico. O campo semiológico que a enigmática transposição primordial pode produzir funda os múltiplos destinos da pulsão.

A questão sobre o que atrai dois seres, sobre o que leva *um para dentro do outro*, é subjacente a qualquer concepção das relações de objeto. Ela é fundamental em qualquer criança, que, graças ao contato com as variações do casal de pais, tenta responder ao que sente e ao que se encarna, ao que se mobiliza, domina e se extingue em seu corpo. A criança tenta também assimilar o que o uso de uma única e mesma palavra lhe esconde, a diferença entre o amor que circula entre os pais, o amor que eles têm por ela e aquele que ela sente por eles. Qual não é a surpresa quando a criança reconhece que numa única e mesma denominação condensam-se tais diferenças! Como confiar na linguagem! E a criança fará a mesma coisa quando encontrar, como figurações dessa atração que a exclui, as teorias sobre *como se fazem os bebês*, sobre esse *fazer* que reveste o amor, *fazer amor*. A cena originária, gerativa, vem expressar a necessidade de mascarar a cena primitiva pulsional.

Se a pulsão é mesmo, e antes de tudo, um evento do corpo que ela funda, habita e povoa, ela só pode ser concebida, como já enunciamos anteriormente, por uma série de deduções que velam sua essência, suas qualidades mais elementares, radicalmente discrepantes em relação ao princípio da representância. Todo pensamento sobre a pulsão, toda teoria da pulsão, são condenados a dar conta de uma transformação apenas, do resultado de um trabalho que a funda, a ponto, às vezes, de confundí-la e defini-la. Algo que precede qualquer começo de inscrição pertence ao próprio umbílico da representância e da linguagem. Convém, então, conceber o par pulsão-representância de acordo com o ponto de vista de uma disruptividade de natureza, irredutível.

Assim, mais além da observação sobre a diversidade e a multiplicidade das formas de destino, é importante destacar que não há representação da pulsão ou das pulsões que não inclua uma transformação envolvendo a noção de trabalho psíquico, tanto assim que uma das mais consagradas definições da pulsão nos é dada por Freud como a quantidade de trabalho exigida da psique. A essência da

pulsão, por definição, não é representável, ela é heterogênea a qualquer representância. Ela está fora da linguagem, encontra-se mais além de qualquer linguagem, seja esta verbal ou corporal. Há um corte radical entre pulsão e significante, qualquer que seja este. Toda e qualquer tentativa de defini-la dá conta do resultado de um trabalho que merece, então, ser determinado para que se possa diferenciar o irrepresentável da pulsão em si mesma e as operações processuais que possibilitam assimilá-la.

Precisamos também reconhecer que a menção às pulsões produz de imediato um efeito de resistência. Esta resistência parece elevar-se contra aquele incognoscível umbilical, contra o fato de que esta essência nos escapa, contra a multiplicidade de seus destinos, contra aquela disruptividade radical em relação a tudo o que tenta formulá-la. Ou, então, contra a coerção a realizar um trabalho, único modo de apropriar-se da dita pulsionalidade, ao mesmo tempo em que esse trabalho marca um distanciamento, uma perda definitiva do próprio objeto da pulsão, de sua natureza.

Provavelmente é o que leva Freud a escrever em 1920: “A outra abstração que podemos relacionar com o funcionamento do Cs não é o espaço, mas a matéria, a substância”. (p. 299). Pouco antes, desejando distinguir-se de Kant, Freud concebe que: “Nossa representação abstrata do tempo parece antes provir de e corresponder a uma autopercepção desse modo de trabalho” (p. 299). Ou seja, da descontinuidade dos investimentos. Em 1938, ele relaciona a noção de espaço com o fato de que “a psique é extensa, nada sabe a respeito” (1941 [1921-1938], p. 320). O tempo e a substância não são, pois, representações, mas abstrações fabricadas diante dos elementos negativos da pulsão, respectivamente da descontinuidade e da inapreensibilidade da natureza dos investimentos. Em ambos os casos recorre-se à medição (o número) e a transposições que geram percepções representáveis (os mostradores de um relógio), enquanto a pulsão em si mesma não pode ser representada como tal; ela é apenas sentida, endopercepção sensual. Ela pode, com certeza, ser transformada em representações que supostamente a representam, mas que apenas a apresentam em aparências de natureza muito diferente.

Isso está relacionado com as diversas polêmicas mencionadas anteriormente, todas elas focadas nas noções de vácuo e de infinito, no animismo que responde a estas duas noções por teorias infantis cuja função é atenuar a qualidade traumática.

Para tentar entender o que suscita tais reticências na noção de pulsão, precisamos seguir o percurso, sucintamente por certo, da elaboração da teoria das pulsões por Freud. Um ponto nos é favorável. Freud mesmo reconhece que essa elaboração desenrolou-se em vários momentos sucessivos, em três na verdade,

seus três passos na teoria das pulsões (1920), em três momentos da pulsão, ou melhor, três qualidades que a definem, inextricavelmente imbricadas no que se costuma chamar de pulsão.

Freud as designou em termos específicos: a sexualidade infantil, o narcisismo, a tendência regressiva ao retorno a um estado anterior até alcançar o inorgânico. Observemos que, como de hábito, Freud começa pelo mais acabado e elaborado, logo, pelo mais complexo, para chegar ao mais primitivo e regressivo, ao mais esquemático. Ele anda para trás. Este método, induzido pela própria realidade psíquica, exige um segundo trabalho, e cada etapa regressiva fornece uma inteligibilidade retroativa àquela mais elaborada estudada anteriormente.

A partir da elaboração de sua segunda tópica, Freud não parou de mostrar as combinatórias desses três passos (1931), o arranjo deles na sexualidade humana num processo em dois tempos, que pode ser generalizado a todo o funcionamento mental e que é o processo de *après-coup* (Chervet, 2009). Se os dois tempos deste último foram logo identificados através da gênese dos sintomas histéricos (Charcot) e, depois, através de sua resolução (Breuer), sua dinâmica própria, que transforma uma economia traumática regressiva em produção progrediente, processo este que se desenrola em duas vias, entre duas cenas e dois tempos, é o fruto do trabalho de teorização de Freud. Todavia, a inteligibilidade desse processo típico, seu papel na inscrição psíquica das moções pulsionais, só se torna realmente acessível quando terminada a teoria das pulsões e assimilada a realidade traumática como qualidade pulsional elementar.

Acrescentemos, por fim, que, a cada um desses passos, Freud explorou quadros psicopatológicos diferentes, mostrando que cada passo pode integrar-se nos outros, podendo também, inversamente, sofrer um isolamento, uma exacerbação e uma distorção, devido a dificuldades no curso de sua realização ou a obstáculos apresentados pelos outros passos. A função de suplência é essencial na psique.

Correspondentemente aos conflitos inerentes a cada uma dessas etapas, poderemos identificar uma analogia com as oposições manifestadas nas diversas controvérsias mencionadas anteriormente.

A noção de pulsão foi antecedida pelas noções de *estímulos endógenos*, *excitação* e *energia*<sup>3</sup>. Estes termos são tomados emprestados das concepções energéticas muito investidas no final do século XIX.

Freud concebe, assim, muito cedo, uma *excitação sexual somática e uma*

---

<sup>3</sup> A palavra energia vem do grego *ἐνέργεια* e significa *força em ação*, isto é, a capacidade de produzir um movimento.

*excitação sexual psíquica*, a *libido* (1894), articuladas por um ato de transformação que permite a mutação da primeira na segunda. É somente à segunda que ele atribui a denominação de pulsão e o status de energia psíquica. Esta, portanto, tem suas fontes no corpo somático, adquire um *status* psíquico por um processo situado no ponto de articulação somatopsíquico e funda o corporal, o corpo das sensações endógenas, o corpo histórico, graças a uma segunda operação processual, a transposição dessa pulsão-libido-energia psíquica para o soma, a qual resulta na criação do corpo corporal, do corpo sensual, transposição específica que Freud chamará *conversão*. Este foi um dos primeiros termos cunhados por Freud, inaugurando o futuro corpus teórico da psicanálise, a metapsicologia.

Desde as primeiras concepções de Freud, a noção de trabalho está presente, juntamente com as noções de transposição, desenvolvimento e processo. Este conjunto é fundador. Freud não o explicita nessa época, mas, em 1915a, ele define a pulsão como exigência de trabalho, depois de ter dedicado, em 1900, o maior capítulo de *A interpretação de sonhos* [1889 [1900]] ao trabalho do sonho, anunciador do futuro trabalho de luto. O trabalho psíquico, com seus desenvolvimentos e processos (*Vorgang*) e depois o advento da instância que o cauciona, o superou, traça o processo (*Proceß*) de teorização de Freud.

Nessa linha das teorias da energia, encontramos uma controvérsia relativa à questão da conservação da matéria, que foi solucionada pela aceitação de princípios contraditórios, mas verdadeiros conforme o ponto de vista adotado. Essa controvérsia, portanto, não foi solucionada por uma síntese, mas pela enunciação e pela aceitação de dois grandes princípios contraditórios, os da termodinâmica formulados inicialmente e respectivamente por Carnot e Joule. O princípio de Carnot (1824) afirma a irreversibilidade e a perda de energia no decurso de qualquer trabalho e o de Joule, a conservação da energia e a noção de equivalência, conforme as quais a energia total de um sistema isolado se conserva. O primeiro foi *esquecido* e depois redescoberto. Assim, o primeiro no tempo (1824) torna-se o segundo princípio, e o segundo torna-se temporalmente (1840) o primeiro princípio. O processo de *après-coup*, então, interveio na história das ciências devido à correspondência do princípio de Carnot com a dimensão traumática. Esse princípio prolongou-se, no século XX, com as noções de entropia, desordem e redução das potencialidades. É nítida a correspondência com a última qualidade das pulsões enunciada por Freud, sua tendência a retornarem a um estado anterior, sua *regressividade extintiva* dissimulada até então pelo inconsciente conservador das inscrições e gerador de inúmeros arranjos, de 1900 e 1915.

A noção de pulsão surgiu, portanto, do abandono por Freud das metáforas energéticas, introduzida em seus escritos para falar da sexualidade, à qual ele

reservou, desde muito cedo, um lugar central em sua pesquisa etiológica. Esse abandono veio acompanhado por uma evolução. Depois de ter introduzido de várias maneiras a sexualidade adulta, Freud se volta para a sexualidade na infância e depois para a sexualidade infantil como regime sexual próprio do processo primário e do inconsciente, próprio da fantasia, na medida em que representa uma realização alucinatória de desejo.

Freud distingue, já em 1894, os sintomas ligados ao *mecanismo psíquico* daqueles ligados a um uso desviado da sexualidade atual. Ele privilegia as psiconeuroses e os destinos psíquicos da pulsão, mantendo em latência a questão do destino daquilo que deveria ter advindo como pulsão nas neuroses atuais, quadros que, por definição, não envolveriam a sexualidade da amnésia infantil. Uma concepção implícita da pulsão, ou seja, daquele *algo* que deveria ter se tornado pulsão, deixa-se, contudo, entrever pela solução *atual*. Freud refere os transtornos *atuais* a um efeito tóxico ligado a tais usos desviados. A metáfora química é, portanto, patente. Sem desenvolver, ele concebe um verdadeiro quimismo subjacente à pulsão, o qual nunca abandonará totalmente.

O primeiro passo na teoria das pulsões se define por essa ampliação do conceito de sexualidade. É sob uma primeira designação de *pulsão sexuada* que ela se esboça na escrita de Freud, em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, para depois ser claramente substituída por pulsão e moção pulsional e ainda remanejada na noção de *dualidade pulsional*. Em 1905, surge então o termo *Trieb* com as noções de fonte, objeto e meta. Os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) é uma das obras mais remanejadas, mais completadas por Freud. Ela contém um poder de indignar que nunca se esgotou totalmente, mesmo que o grupo social tenha feito sua a ideia que se tornou comum de uma sexualidade presente desde a infância. A resistência em relação ao regime infantil ainda se mantém muito ativa, assim como a regressão que ela demonstra inicial, escândalo que tomou para si aquele que acompanhou a ênfase que Freud dá, já em 1893<sup>4</sup>, a uma etiologia sexual dos transtornos histéricos, ou mesmo dos transtornos neuróticos em geral.

Assim, o que caracteriza mais claramente o primeiro passo da teoria das pulsões e o que mais suscitou reações é bem mais que a introdução de uma sexualidade na infância, a de uma sexualidade infantil de natureza regressiva, isto é, um regime particular do funcionamento psíquico e dos investimentos sexuais, definidos pelos autoerotismos psíquicos, pelo regime alucinatório e pela produção de fantasias. Ainda hoje, a frequente falta de diferenciação entre

---

<sup>4</sup> *Etudes sur l'hystérie* (1895-[1893]).



sexualidade da criança e sexualidade infantil, mesmos nos meios psicanalíticos, testemunha seu odor a sulfúrio.

Na verdade, o mais delicado de aceitar é a natureza sexual transgressiva subjacente à sexualidade infantil, certamente velada pelas produções psíquicas regressivas e pela censura que elas exercem, mas intuitivamente percebida, apesar de tudo, pela qualidade regressiva destas. O complexo de Édipo não está longe; daí a qualidade traumática da sexualidade infantil afirmada com muita clareza por Freud em 1933, não apenas como ameaça punitiva, freio superegoico, mas também como destino negativo da pulsão, como via regressiva aberta para um além do psíquico. A castração, então, significa uma perda para o psiquismo e uma reabertura da teoria tóxica. A suspensão do imperativo de enlutamento, a revelação das tendências a tomar a via do *assassinato do pai* e, depois, do incesto, é acompanhada por uma mensagem de ameaça de castração e um apelo ao recalque. A polêmica e o fato de gerar escândalo participam disto.

Inversamente, na via da resolução do complexo de Édipo, a sexualidade infantil se insere numa oscilação, conflitual certamente, mas regenerativa do ponto de vista libidinal, entre um destino objetual, aberto ao erotismo, e outro infantil, autoerótico e alucinatório; oscilação entre a noite e o dia, entre investimento objetual erótico da vida diurna e investimento alucinatório da vida onírica. A pulsão encontra aí sua dinâmica oscilatória mais elaborada, com seus dois regimes de satisfação, e que permite o cumprimento da meta do trabalho psíquico, a orientação progrediente da libido e a produção, em vigília, de um bônus de desejo. Este se insere na finalidade do erótico individual, que só é alcançada pelo desvio por uma regressão mentalizada.

O segundo passo na teoria das pulsões é a introdução do narcisismo. Enquanto o primeiro passo conjugava uma regressão mantida no âmbito da objetividade, através da oscilação entre objetividade madura e objetividade infantil, com uma colocação em latência do imperativo de enlutamento, o segundo traz uma desobjetualização. Na regressão ao infantil, o investimento sexual objetual está em latência, mas se mantém intacto, como demonstra o sonho, que usa as representações buscadas na vida diurna como suporte de transposição e de realização alucinatória, vindo opor-se a toda regressão transgressiva que vá além das representações visuais. Em contrapartida, quando, em 1914, concebe a regressão ao narcisismo, Freud se apoia em quadros clínicos de desobjetualização. Isso o leva a reconhecer que uma parte do sexual precisa investir no funcionamento psíquico do próprio sujeito, precisa ser retirada de outros objetos e transformada a fim de fundar o narcisismo. Essa transformação é uma dessexualização. Esse novo aporte modifica consideravelmente a antiga concepção das pulsões de Freud.

Em 1905, Freud insiste especialmente na fonte corporal, erógena, no objeto (contingente) e na meta (a satisfação) da pulsão. Em 1914, a introdução do narcisismo o leva a destacar a pressão e sua constância. Em *Pulsões e suas vicissitudes* (1915a), a pulsão torna-se constante, organizada em sucessivas erupções de lava. Ele reforça assim a consistência da pulsão, a ponto de dar a esta concepção um grau determinado de positivismo.

Surge uma nova dinâmica oscilatória, ela mesma conflitual, entre objetividade e narcisismo. Um novo jogo de equilíbrio deve ser pensado entre esses dois tipos de investimentos, os que se voltam para os objetos e os que se voltam para a própria pessoa.

O período desse segundo passo na teoria das pulsões é bastante curto (1914, 1915a) e suscita muito menos controvérsias ruidosas, embora algumas vezes tenham logo se elevado para se opor à origem sexual dos investimentos narcísicos, os antigos instintos de conservação, em proveito de uma origem libidinal originariamente não sexual. O antigo conflito eu-pulsões sexuais permitia considerar que as pulsões do eu não eram de natureza sexual. A introdução do narcisismo vem perturbar essa base não sexual. A psicanálise de Freud é, então, suspeitada e tachada de pansexualismo, daí um novo cheiro de heresia e uma incerteza. Seus adversários não atribuem nenhum crédito ao fato de que Freud, ao insistir na natureza dessexualizada da libido narcísica, dá a entender, contudo, a necessidade da intervenção de um fator não sexual que possibilite os processos de dessexualização e sublimação. Já falamos da querela e do rompimento com Jung.

Com a introdução do narcisismo, e mesmo que tenha privilegiado o narcisismo secundário proveniente da dessexualização dos investimentos sexuais de objeto, Freud dá mais lugar às regressões corporais sensuais, às inscrições e facilitações proprioceptivas, à sensualidade, ao *habitus*, ao tônus vital. O sexual de órgão faz do próprio corpo o primeiro *objeto* cujos investimentos sexuais devem sofrer as operações de dessexualização. Essa situação modifica a teoria da regressão. Esta não se limita à regressão formal. As figurações oníricas contrainvestem a atração pulsional subjacente. Todavia, ela mantém uma base de segurança devido ao fato de que a finalidade é regressar ao sistema narcísico do seio materno e aos autoerotismos psíquicos. Nesta nova concepção, a transgressividade se volta para o próprio corpo, que se torna uma zona erógena em seu todo. O gozo solitário e ilimitado, ultrapassando as leis da fisiologia somática, é convocado. A onipotência jubilosa e triunfal do *His majesty the baby* (1914) não consegue afastar o fascínio e a inquietude transmitidos por essa regressão ao sexual de órgão, apartada de qualquer relação com um objeto. Este

aspecto, abordado por Freud pela hipocondria, é ainda muito esquecido na abordagem da pulsão, sendo o narcisismo primário muitas vezes concebido como uma simples cópia do narcisismo secundário, deslocado para uma época mais precoce da primeira infância.

É possível conceber, portanto, que a noção de pressão constante vem oferecer um contrainvestimento aos aspectos negativos que Freud aborda através das patologias do narcisismo, principalmente a melancolia e a hipocondria. A incerteza que ele reconhece estar no cerne das identificações, sua valência alienante ou mesmo defectiva e desorganizadora, a irresolução da autoconservação que disso resulta têm menos um efeito escandaloso que inquietante.

O quase monismo de Freud, muito momentâneo, está, então, estreitamente relacionado com o sistema narcísico concebido e com o narcisismo fálico da noção de pressão constante. A atração do gozo de órgão, bem como a vivência de extinção que o acompanha (a *petite mort*)<sup>5</sup> são combatidas por essa teoria com traços narcísicos. Em seu texto de 1915b, *O inconsciente*, Freud reserva um lugar muito mais importante às características negativas do inconsciente e dos processos primários. Ele ressalta a atração negativa do inconsciente, daí a incerteza quanto à sua produtividade e ao trabalho do qual esta depende. Ao positivismo da montagem pulsional de 1914 opõe-se a negatividade do inconsciente de 1915b. Já se delineia a dupla face dos sintomas tal como é explorada em 1926<sup>6</sup>. A face produtiva das formações do inconsciente dissimula o primeiro tempo de inibição inaugural que deve responder à atração negativa do inconsciente e, mais tarde, à regressividade pulsional. A inibição é concebida por Freud não como um sintoma, mas como a face negativa de qualquer sintoma. Ela é o anverso da resposta antitraumática, pela agitação e pelo quantitativo, da petrificação.

É justamente esse aspecto da regressão negativa e ilimitada, da potência nefasta de forças regressivas, que Freud terá de reconhecer, primeiramente através da melancolia e, depois, num quadro clínico dominado por uma negatização do trabalho psíquico onírico, o das neuroses traumáticas e dos sonhos repetitivos e recorrentes. Freud volta, então, sua atenção para a compulsão à repetição, para a reação terapêutica negativa e para as potências demoníacas que parecem trabalhar para a destruição e o próprio desaparecimento do sujeito.

É nesse momento que Freud dá seu terceiro passo na teoria das pulsões. Em *Além do princípio de prazer* (1920), ele se apoia na metáfora biológica para completar, com muitas precauções, suas proposições anteriores e apresentar a

<sup>5</sup> N.T.: Em francês, esta expressão idiomática, *a pequena morte*, significa o orgasmo.

<sup>6</sup> *Inhibition, symptôme et angoisse* (1926 [1925]).

terceira qualidade das pulsões, considerada por ele como a mais fundamental: sua natureza regressiva até alcançar o inorgânico, que designei por regressividade pulsional extintiva.

Incontestavelmente, este terceiro passo vem embaralhar de forma definitiva toda a segurança que os analistas possam ter confiado à rememoração da etiologia sexual, ao conflito psíquico, ao trabalho de sonho, à perlaboração etc. Essa segurança apoiava-se até então na capacidade alucinatória produtiva do infantil e, depois, na pressão constante e na regressão narcísica fetal. O que constituía as bases revela-se como resultados improváveis de um trabalho psíquico ameaçado de incerteza. Um refúgio que perdura será encontrado: o recurso à transferência.

Todavia, deixa-se entrever uma transferência das tendências negativantes. A resposta consiste, então, em privilegiar a valência objetual da transferência e, por conseguinte, assegurar o investimento do analista, insistindo na contratransferência. A relação analítica transferencial/contratransferencial tende a recobrir a questão dos processos de pensamento tensionados pelo dispositivo analítico. Tais soluções são isomorfas com o uso antitraumático da percepção das neuroses traumáticas. Como estas, as primeiras colocam em primeiro plano o que é perceptível e representável e mantêm a recusa do percebido não representável.

O modo de conceber a dimensão traumática é totalmente modificado por esse terceiro passo, que realiza a sua interiorização intrapulsional. A partir daí, convém pensar o traumático em sua relação com a tendência extintiva de toda pulsão.

Na primeira etapa, o traumático foi abordado sob o manto de um núcleo traumático com valor de reminiscência de uma sexualidade seduzida muito precocemente por um adulto, por um *maior*, lembrança ativa e subjacente a qualquer sintoma (*Estudos sobre a histeria*, 1895-[1893]), que vem perturbar a instauração da funcionalidade das fantasias originárias.

Na segunda etapa, a da instauração do narcisismo, o traumatismo foi concebido como o efeito das pulsões sexuais sobre aquelas dessexualizadas do narcisismo ameaçado, então, de ressexualização. Nesse movimento de interiorização da origem do traumático, Freud concebe que as fontes de ressexualização podem ser internas às instâncias dessexualizadas, daí os quadros da inquietante estranheza, as lógicas do *Horla* e do fantástico, a chegada dos fantasmas, das almas penadas, dos visitantes. A pulsão traumatizante retorna, então, de dentro do dessexualizado, as identificações narcísicas possuindo dentro delas uma potencialidade de inversão delas mesmas. O ódio contra esses fomentadores ainda pode ser suscitado, mesmo que o estranho esteja agora no interior, sendo um outro interno.

Esta dinâmica de interiorização da dimensão traumática prossegue com a terceira etapa, de forma inesperada, tornando-se a qualidade mais elementar de toda pulsão. O desatino dos analistas está à altura da impotência humana diante da realidade de sua condição.

Ao enunciar uma tendência ao desaparecimento, inerente a qualquer pulsão, a terceira etapa da teoria das pulsões vem retirar definitivamente todas as seguranças propostas pelas funcionalidades anteriores. O pavor traumático assim concebido exige recursos diferentes daqueles do recalque e do ódio. Trata-se da maior prova de realidade a que a psicanálise tem de se submeter.

Freud introduz, então, um novo dualismo, uma pulsão de vida e uma pulsão de morte, que se torna responsável pela tendência ao desaparecimento e por aquela à unificação e à conservação. Freud inclina-se, então, a atribuir a uma só pulsão, aquela dita de vida, as qualidades que ele havia conferido antes ao narcisismo, até mesmo a própria vida. Assim sendo, ele disporia novamente de um inimigo externo, certamente intrapulsional, mas externo mesmo assim, a pulsão de morte. Por isso, ele atribui às vezes uma vida à pulsão de vida. A modificação dos termos de *pulsão de vida* para Eros possibilita a reintrodução de toda a positividade emprestada a Eros pela grande tradição da mitologia grega.

Freud, no entanto, não pode adotar tal divisão maniqueísta, tanto mais que ela não é corroborada pela clínica. Assistimos a um imenso embaraço da parte de Freud. Como atenuar o impacto traumático que ele causa, a si mesmo e aos seus mais fiéis companheiros, sem deixar de levar em conta sua nova descoberta da regressividade extintiva de toda pulsão? De um lado, o fato de que essa qualidade nefasta diz respeito tanto às pulsões de vida quanto às de morte verifica-se no duplo campo clínico do declínio e da idealidade. De outro, convém explicar a capacidade da vida de se impor e perdurar.

De fato, a tendência extintiva é bem mais facilmente concebível para a pulsão de morte do que para a pulsão de vida. A significação do termo regressão satisfaz-se com a tendência redutora das primeiras, enquanto que é mais enigmática no que diz respeito às segundas. Para que estado anterior pode tender a pulsão de vida? Freud recorre ao poeta, ao mito de uma androginia primitiva que, em decorrência de um ato de *cisão*, daria lugar à diferença dos sexos e à vida sexual. Mas como traduzir tal mito em termos metapsicológicos?

A controvérsia em torno da dualidade pulsional nunca deixou de existir desde Freud e ela envolve a pulsão de morte, enquanto a pulsão de vida foi bem mais facilmente adotada por ser pensada nos termos de uma potencialidade unificadora. O conflito se situa, então, em pares pulsionais que logo voltam a se tornar maniqueístas: união-desunião, intricação-desintricação. Alguns autores

tentam prescindir da pulsão de morte, reconhecendo a Eros uma potência de vida como, por exemplo, uma violência fundamental (Jean Bergeret), ou capacidades de retenção e de dominação também favorável à vida (Paul Denis), ou ainda qualidades regressivas e progressivas em ação nos movimentos de vida e morte (Pierre Marty). Outros aceitam essa dualidade e atribuem somente à pulsão de vida uma potência a serviço da vida. Concebem, então, que a vida é a resultante, a resolução de um combate entre dois gigantes originários, Eros e Thanatos. Esta é a posição de Melanie Klein.

Essas diversas soluções tentam manter-se conectadas com os fatos clínicos, mas nem todas integram as proposições de Freud. Escolhas são feitas. Deixam justamente de fora a afirmação de Freud de que a vida é um resultado, de que tudo o que é vivo é o reflexo de amálgamas diversos das duas pulsões e de que não há simetria entre as duas, a pulsão de morte agindo muda e a pulsão de vida tornando-se ruidosa graças à anterior.

Para afirmar a proposição enunciada por Freud de que existem duas pulsões originais, a pulsão de vida e a pulsão de morte, Eros e Thanatos, às quais convém reconhecer uma mesma qualidade regressiva extintiva, precisamos aceitar que nenhuma das duas possui vida própria, que a vida só pode resultar de um amálgama particular entre ambas, que deve ser considerado como tal. Assim, ou esse amálgama é espontâneo e se dá de acordo com flutuações diversas, ou ele se realiza sob a égide de um terceiro termo que assume sua responsabilidade, que as transforma e reúne.

No conteúdo de seus escritos, Freud parece seguir duas vias, mas seu processo de teorização posiciona-se nitidamente em favor de uma delas. De fato, ele introduz, em 1923, em resposta a essa qualidade regressiva de toda pulsão, um terceiro termo que é a garantia das operações implicadas nas diversas modalidades de trabalho psíquico e que cuida para que elas não se tornem transgressivas. Este terceiro termo está presente desde a origem, mas entra em cena secundariamente quando é solicitado pelas tendências à extinção. Além disso, ele assegura a mentalização dos diversos modos regressivos, formais, sensuais e libidinais. Este terceiro termo, chamado a se tornar o supereu, intervém, portanto, para reduzir a propensão extintiva e para utilizar as pulsões com a finalidade de inscrevê-las como pulsão psíquica. Apresenta-se como um *imperativo de inscrição* da libido na psique.

Esta nova concepção das pulsões que podemos deduzir tem como consequência uma revisão da noção de trabalho psíquico que é induzido, em contraponto, pela tendência pulsional. Se o termo *après-coup* perde sua importância

na obra de Freud após 1917, o fato de que o trabalho psíquico ocorre em dois tempos, os dois tempos da castração (o *visto* e o *ouvido*), e a instauração da sexualidade humana em dois tempos encontram sua inteligibilidade nessa concepção ternária e terceirizante. O processo de *après-coup* torna-se aí mais claro.

Essa configuração em três termos vem substituir a equação de duas incógnitas, proposta por Freud em 1920, por uma equação de três incógnitas: pulsão de vida, pulsão de morte e imperativo de inscrição. Apresenta-se uma triangulação, primitiva, que deverá encontrar suportes que sirvam de meio para transpor-se e tornar-se eficiente. Nós a encontramos em nosso trabalho cotidiano, concretamente composta pela livre associação regressiva e pulsional, pelos processos do pensamento interpretante do analista (o *setting*) e pelo objeto com seu protocolo.

Para concluir, a pulsão só pode ser pensada em sua existência viva na relação com a noção de trabalho psíquico, noção esta que se torna obrigatória pela regressividade primeira da dualidade pulsional. Assim, tanto a pulsão de vida, Eros, quanto a pulsão de morte, Thanatos, não têm qualquer existência e vida em si. Para ter acesso à vida, elas devem sofrer uma primeira transformação que as funda como substância de vida, a de um ato fundador, ato que reduz sua tendência primeira extintiva. O porquê deste ato, as condições que o desencadeiam, aquelas que o possibilitam, todos esses pontos permanecem ainda bem misteriosos, do mesmo modo que a própria natureza desses três termos que assinalamos, os quais estão implicados no resultado de vida.

Compreendemos melhor, nesta altura do nosso desenvolvimento, o que expressam as polêmicas apresentadas anteriormente e sua função. Elas são o reflexo do conflito intrapulsional inerente à própria natureza da pulsão, sendo esta concebida como a resultante de duas tendências primitivas extintivas e da intervenção imperativa de um fator terceiro de retenção e inscrição. Elas explicam essa dupla ambivalência fundamental entre as duas tendências pulsionais designadas pelos termos de pulsão de vida e pulsão de morte e entre sua tendência extintiva e o imperativo de sustentar altos níveis de conflitos sem deixar as tendências redutoras prevalecerem. Fazem parte do método e da disciplina exigida para que possam realizar-se as capacidades de inscrição, ou seja, nossa esperança de que ainda surja um bônus de vida. □

## **Abstract**

### **Drives, do you have a life?**

Each step forward Freud took in his theory of the drives, resulted in resistances, sometimes in polemics, leading, at best, to debates and controversies. Wouldn't the great controversies that crossed the history of human thinking be bound to the same characteristics which define drives, the hallucinatory satisfaction of transgressive child sexuality, the sexual origin of narcissism, with its resulting shames, regressivity to the extreme of reaching the inorganic, which require a psychic work to deal with feelings of loss? This extinctive regressivity puts trauma at the core of every drive and forces us to conceive a founding act, placed under the aegis of an imperative inscription, capable of giving life, body, matter and voice to the drives.

Keywords: controversy, duality of the drives, extinctive regressivity, imperative inscription, perception without traces.

## **Resumen**

### **Pulsiones, ¿tienen ustedes una vida?**

Cada progreso de Freud en su teoría de las pulsiones resultó en resistencias, a veces en polémicas y, en lo mejor de los casos, en debates y controversias. ¿Las grandes controversias que atravesaron la historia del pensamiento humano no estarían relacionadas a las mismas características que definen las pulsiones, la satisfacción alucinatoria de la sexualidad infantil transgresiva, el origen sexual del narcisismo con sus vejaciones consiguientes, la calidad regresiva hasta alcanzar lo inorgánico exigiendo un trabajo psíquico de las vivencias de pérdida? Esta regresividad extintiva emplaza a lo traumático en el centro de toda pulsión, y nos obliga a concebir un acto fundador, bajo la égida de un imperativo de inscripción, apto a dar vida a las pulsiones, a darles cuerpo, materia y palabra.

Palabras clave: controversia, dualidad pulsional, regresividad extintiva, imperativo de inscripción, percepción sin huella.



---

## Referências

- Carnot, N. L. S. (1824). *Réflexions sur la puissance motrice du feu et sur les machines propres à développer cette puissance*. Paris : Chez Bachelier, Libraire, Quai des Augustins, 55.
- Chervet, B. (2009). L'après coup. La tentative d'inscrire ce qui tend à disparaître. *Revue Française de Psychanalyse*, 73 (5) : 1361-1441.
- Freud, S. (1894). Les psychonévroses de défense: essai d'une théorie psychologique de l'hystérie acquise de nombreuses phobies et obsessions et de certaines psychoses hallucinatoires. In *Oeuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (Tome 3), 1989.
- Freud, S. (1895 [1893]). *Études sur l'hystérie*. Paris : Puf, 1967, 256 p.
- Freud, S. (1905). Trois essais sur la théorie sexuelle. In *Oeuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (Tome 6), 2006.
- Freud, S. (1914). Pour introduire le narcissisme. In *Oeuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (Tome 12), 2005.
- Freud, S. (1915a). Pulsions et destin des pulsions. In *Métapsychologie*, trad. fr. J. Laplanche et J.-B. Pontalis, Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1915b). L'inconscient, métapsychologie, trad. fr. J. Laplanche et J.-B. Pontalis, Paris: Gallimard, 1968.
- Freud, S. (1920). Au-delà du principe de plaisir, *Oeuvres complètes de Freud/ Psychanalyse* (Tome 15), 1996.
- Freud, S. (1923). Le Moi et le Ça. In *Essai de psychanalyse*, trad. fr. J. Laplanche. Paris : Payot, 1981.
- Freud, S. (1924 [1923]). Névrose et psychose. *Névrose, psychose et perversion*, trad. fr. D. Berger, *Oeuvres complètes de Freud/ Psychanalyse* (Tome 17), 1992.
- Freud, S. (1926 [1925]). *Inhibition, symptôme et angoisse*, trad. fr. M. Tort, Paris : PUF, 1965.
- Freud, S. (1931). Des types libidinaux, trad. fr. D. Berger, In *La vie sexuelle*, Paris: PUF, 1969.
- Freud, S. (1933[1932]). Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse, *Oeuvres complètes de Freud/ Psychanalyse*, (Tome 19), 1995.
- Freud, S. (1940a [1938]). *Abrégé de psychanalyse*, trad. A. Bermann, revue par J. Laplanche, Paris : PUF, 1985.
- Freud, S. (1940b [1938]). Le clivage du Moi dans le processus de défense. In *Oeuvres complètes de Freud/ Psychanalyse* (Tome 20), 2010.
- Freud, S. (1941 [1921-1938]). Résultats, idées, problèmes. In *Résultats, Idées, Problèmes*, II, *Oeuvres complètes de Freud/ Psychanalyse* (Tome 20), 2010.
- Freud, S. (1950 [1895]). Esquisse d'une psychologie scientifique. In *La naissance de la psychanalyse : lettres à Wilhelm Fliess*, Paris : PUF, 1956.
- Lamartine, A. de (1830). *Milly ou la Terre natale*. In *Harmonies poétiques et religieuses*, Livre III.

Bernard Chervet

---

Recebido em 05/05/2014

Aceito em 10/12/2014

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

**Bernard Chervet**

16 Rue Jacques Callot

75006 – Paris – France

39 Rue du Professeur Florence

69003 – Lyon – France

e-mail : [bernard@chervet.fr](mailto:bernard@chervet.fr)

© *Revue Française de Psychosomatique*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA